

## MIMESE, HISTÓRIA E FICÇÃO NO VILA RICA

Nilze Paganini\*

### RESUMO:

*A mimese adquire, ao longo do tempo, diferentes aspectos. Este texto examina sua feição e a concepção de poesia implícita no Vila Rica, de Cláudio Manuel da Costa, as relações entre poesia/história e as estratégias textuais desenvolvidas, no épico, para uma comunicação efetiva com seu público.*

PALAVRAS-CHAVE: *mimese, história, ficção, recepção, comunicação.*

Escrever sobre um autor canônico como Cláudio Manuel da Costa apresenta seus prós e contras, como em qualquer escolha. Vejo como vantagem a quantidade de material acessível ao pesquisador que dispõe de uma gama enorme de textos para estudo. A desvantagem reside justamente aí: há o risco de se repetir o que já foi dito, transformando-se o trabalho numa paráfrase de outros estudos.

De qualquer forma, mesmo sendo um autor de reconhecida importância, Cláudio Manuel da Costa suscita algum tipo de polêmica até hoje, nem que seja apenas relacionada ao gosto pessoal. É bastante comum que, numa comparação entre Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, os críticos mostrem mais simpatia em relação ao segundo, não só em termos de preferência poética, como também em questões de política, relacionadas à postura adotada pelos dois poetas durante os interrogatórios feitos aos inconfidentes mineiros. Cláudio teria sucumbido à pressão e delatado os companheiros revolucionários, enquanto Gonzaga teria agido como um advogado experiente, mantendo o controle emocional quando inquirido.

A questão do gosto se apresenta com mais intensidade em relação ao poema *Vila Rica*. Se Cláudio não é unanimidade na preferência dos leitores, muito menos o *Vila Rica*. Neste caso, a voz quase geral entre a crítica é a de que o épico tem poucas qualidades e muitos defeitos. Trata-se de uma opinião repisada, com ares de

\* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2000.

estereótipo. É possível, no oposto extremo, encontrar-se alguém como Hêlio Lopes, fã incontestado do épico de Cláudio.

Quanto a mim, procurei evitar o caminho da exaltação ou o do desmerecimento. A minha curiosidade seguia em outra direção: queria entender, um pouco, como um aspecto da herança clássica do Ocidente – a *mimese* – chegou até a Capitania de Minas Gerais e de que maneira foi transformada por Cláudio, tendo em vista a sua concepção poética e em função do tipo de recepção existente no Setecentos mineiro.

O *Vila Rica* foi o texto eleito para minha dissertação, porque era de um autor que revelava, por meio de poemas ou prefácios, algo da sua reflexão poética, evidenciava o diálogo com suas fontes e, além do mais, tratava-se de um épico que buscava organizar uma narrativa da criação da Capitania das Minas Gerais de forma a equipará-la a outras narrativas que deram um sentido cultural importante para seus povos. De posse desses elementos, talvez pudesse encontrar indícios de como o texto procurava criar um processo comunicativo com seu leitor.

Procurando um entendimento do *Vila Rica* que levasse em conta, além da concepção poética implícita na obra, as suas relações com o seu tempo e lugar, tentei verificar, através de um acompanhamento das variações históricas e particulares de alguns autores relacionados à poética do século XVIII, de que forma o conceito de *mimese*/imitação chegou até Cláudio Manuel da Costa e, mais especificamente, como essa concepção de poesia foi articulada no texto. Também estudei algumas circunstâncias históricas do Setecentos mineiro que influenciaram a circulação de idéias e textos e, conseqüentemente, a recepção do *Vila Rica* naquela época. Finalmente, busquei elementos, no *Vila Rica*, que mostrassem o tipo de comunicação pretendida pelo texto, seja pela configuração do leitor e do autor, seja por meio de outros indicadores textuais.

O *Vila Rica* engloba diferentes tipos de textos, caracterizados por uma busca de adequação do discurso a uma expectativa de gênero. Assim, se a enunciação, no *Prólogo*, traz as marcas específicas dos textos preâmbulares, o discurso se transmuda no *Fundamento histórico* ou nos cantos, buscando o seu próprio decoro. Tal processo relaciona-se à tentativa de se estabelecer uma situação comunicativa com o público, ao mesmo tempo em que se nota uma preocupação em orientá-lo para o

recebimento dos textos. Mesmo que distintos, os textos que compõem o *Vila Rica* dialogam entre si e com outros textos.

Na sua parte preambular, o *Vila Rica* segue e não segue as convenções de gênero. Acompanha o que é de praxe no que se refere à identificação do autor e ao oferecimento, à dedicatória e ao prólogo ao leitor. Foge às regras, por exemplo, quando inclui o *Fundamento histórico*, que, como o próprio nome indica, tem pretensões historiográficas que ultrapassam o enquadramento clássico para um poema épico. Enquanto o *Prólogo* desenvolve-se com a utilização da primeira e segunda pessoa do singular, o *Fundamento* é mais impessoal. A forma de tratamento escolhida, tanto para o leitor como para o autor, é a terceira pessoa do singular, não havendo mais espaço para o *eu* e o *tu*. O *Fundamento* é, entre os textos do *Vila Rica*, aquele que melhor demonstra a imagem do autor que se deseja construir dentro do poema. O Autor exerce uma função crítica em relação às narrativas históricas sobre a Capitania de Minas Gerais, julgando e comparando informações pelo critério da verdade, sem se deixar levar pelas emoções.

Já ao leitor é conferido o estatuto de censor tanto do autor quanto de seu texto. É a esse leitor-crítico que se dirige o enunciador, na busca de aprovação para o seu discurso. Esse leitor tem o poder de aceitar ou rejeitar a obra seguindo os critérios da verdade e do verossímil que teriam norteado a composição do relato histórico e a do relato poético. Para que se entenda a figura do leitor é preciso conhecer a do autor e vice-versa. O Autor é aquele que demonstra poder lidar com, pelo menos, dois tipos de discursos: o histórico, com pretensões de verdade, e o poético, configurado na ficção. Cada texto busca o seu próprio decoro, ainda que nenhum deles fique confinado em categorias estanques. Justamente por perceber a mobilidade do discurso poético e do histórico, o enunciador instrui o leitor sobre suas intenções, apontando ora para um lado, ora para outro. O *Vila Rica* concebe, então, um leitor habilitado a seguir o roteiro proposto pelo texto que não é, de forma alguma, simples. A obra pressupõe uma grande movimentação de leitura que indica ao leitor descer os olhos às notas, subir ao texto principal ou aos cantos, retomar trechos que ficaram para trás e voltar ao ponto que havia deixado em suspenso. Se o autor lida com duas espécies de relatos, o leitor, orientado pelo

texto, deve ser capaz de fazer todo o percurso, preenchendo, com sua imaginação, as demandas de cada um e apreciando criticamente a obra.

A constante transição entre história e poesia e vice-versa no *Vila Rica* é por demais evidente e não constitui nenhuma novidade. Contudo, a preocupação com a manutenção do decoro dentro de cada narrativa específica é tão grande que não pode deixar de ser mencionada. O Fundamento histórico, os cantos e parte das notas tratam dos mesmos temas, como a penetração dos sertões mineiros em busca de ouro e de pedras preciosas, as tentativas de se impor um governo local submetido à Portugal, as dificuldades decorrentes de tais empreendimentos e, finalmente, a instalação das vilas e da burocracia necessária à administração da Capitania. O que os transforma em história ou em poesia é a abordagem efetuada em cada tipo de texto. É justamente essa maneira diferenciada de se tratar os episódios, encadeando-os de acordo com a especificidade de cada narrativa e com a inserção de elementos condizentes a cada uma delas que torna possível o seu reconhecimento como relato histórico ou poético. No caso específico do Fundamento, porém, apesar de toda a preocupação com a linguagem, com a explicitação das fontes e o efeito de veracidade produzido pelos documentos citados, a narrativa não se desvincula do poético, tomando-o por base para o relato histórico, como no caso do Descobrimento das *esmeraldas*. Inversamente, o Fundamento, incluído numa obra maior que reivindica o seu enquadramento como composição poética, é apropriado por historiadores, como José Joaquim da Rocha e Diogo Pereira de Vasconcelos, iniciando uma espécie de tradição historiográfica em Minas Gerais.

O complexo roteiro de leitura do *Vila Rica* inclui, entre outras coisas, uma indicação muito clara da busca de correlação entre elementos da tradição clássica e costumes locais. Para este fim, Cláudio Manuel da Costa utiliza o recurso das notas, nas quais explicita a referencialidade do seu texto, buscando a verossimilhança entre poetas. Em 82 notas, cinco remetem a cantos do próprio *Vila Rica* e três indicam poemas publicados em *Obras*, como a écloga "Arúncio" e a "Fábula do Ribeirão do Carmo". Às vezes, a mesma nota indica um canto e um poema, ou um canto e o Fundamento ou outro autor e o Fundamento. No total, excetuando-se as referências a cartas e documentos, há 26 notas com citação de outros autores, sendo Virgílio e Camões os mais lembrados.

De fato, as notas do Vila Rica cumprem um importante papel dentro da obra. Se pudessem ser representadas, caberiam dentro da imagem de um fiel de balança que ora pende para o histórico, ora para o poético. Mas além de indicar onde está a "verdade" e onde se desenvolve a ficção, elas apontam para o tipo de concepção poética que vem embutida no texto. São as notas que nos dizem como a imitação é realizada no texto de Cláudio Manuel da Costa.

Parece-me que estes procedimentos demonstram um esforço do poeta em criar condições de comunicação com seu público, situando o texto dentro de um paradigma clássico que, reconhecível pelo leitor da época, o aceita e lhe atribui credibilidade. Podemos dizer, então, que o *Vila Rica* é uma obra feita de citações, referências transparentes, revelando o seu tipo de imitação como parte importante do processo comunicativo pretendido pelo texto.

ABSTRACT:

*Mimesis acquires different meanings through the times. This text examines its particular feature and the concept of poetry implied in the epic Vila Rica by Cláudio Manuel da Costa, the relations between poetry and history, and the strategies developed in the poem to achieve a communication with its public.*

KEY WORDS: *mimesis, history, fiction, reception, communication.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Cláudio Manuel da. *Vila Rica*. Manuscrito-Cód. 6799, Biblioteca Nacional de Lisboa.

COSTA, Cláudio Manuel da; GONZAGA, Tomás Antônio; PEIXOTO, Alvarenga. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Domício Proença Filho (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

LOPES, Hêlio. *Introdução ao poema Vila Rica*. Muriaé: [s.n.], 1985.

PAGANINI, Nilze. Literatura e história no *Vila Rica*. In: Congresso ABRALIC, 8, 1998, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: NELIC; UFSC, 1999. (CD-Rom).

PIRES, Lucília Gonçalves. Prólogo e antiprólogo na época barroca. In: LEPECKI, Maria Lúcia; PIRES, Lucília Gonçalves; MENDES, Margarida Vieira. *Para uma história das idéias literárias em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980. (Textos de literatura 4). p. 33-57.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. Estudo crítico. In: ROCHA, José Joaquim. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais. Descrição geográfica, histórica e política da capitania de Minas Gerais. Memória histórica da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. p. 13-66.

ROCHA, José Joaquim. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais. Descrição geográfica, histórica e política da capitania de Minas Gerais. Memória histórica da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

VIRGILE. *Énéide*. Trad. André Bellesort. Paris: Les Belles Lettres, 1966. Livres I-VI. v.1.